

IMPACTOS DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL- ANOS FINAIS

Mirian Marta da Silva Cavalcante ¹

Maria José da Silva Bandeira ²

Patrícia Maria de Aguiar ³

Rozineide Iraci Pereira da Silva ⁴

RESUMO

A presente pesquisa propõe a discutir sobre os impactos que as avaliações externas tem trazido aos professores do 9º ano do ensino Fundamental- Anos Finais. De forma mais específica, procuramos compreender o estado da arte sobre o processo das avaliações externas juntamente ao currículo para, posteriormente refletirmos sobre esse impacto na prática pedagógica docente e, por fim, explicitar como essas avaliações adentram nas salas de aula versando sobre todo o universo escolar. Defendemos a hipótese de que as teorias sobre avaliações externas, quando engessadas no dia a dia escolar trazem grandes conflitos ao professor. Fundamentamos nossa pesquisa em Gadotti (2019), Arroyo (2017), Santos (2013) dentre outros que corroboraram com a hipótese em questão. Ressaltamos que optamos pela pesquisa qualitativa por ser contributiva para professores em exercício e formação. Dessa maneira, acreditamos que as avaliações externas contribuem com a responsabilização dos envolvidos, sobretudo, dos professores das disciplinas e turmas avaliadas.

Palavras-chave: Avaliações externas, Prática pedagógica, Responsabilização.

INTRODUÇÃO

O contexto da avaliação na esfera escolar tem sido o cerne de muitos debates, primordialmente pelo esforço de compreender qual o seu papel perante a práxis pedagógica do professor que recai sobre a aprendizagem dos alunos.

No entanto, o campo avaliativo encontra-se em processo de instauração pelo fato de cada vez mais adentrar no cenário educacional. Fazemos menção por meio dessa afirmação às avaliações externas que em Pernambuco utilizamos na Educação Básica, o SAEB, O SAEPE e o ENEM.

Nossa discussão estará pautada em torno das duas primeiras, cujo objetivo é bem semelhante, aferir se a educação brasileira tem qualidade.

¹ Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University, junior.mirian@hotmail.com;

² Especialista em Língua Portuguesa aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins (FACOL) – PE, nandahfernanda@hotmail.com;

³ Especialista em Língua Portuguesa: Leitura e Produção de textos pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins (FACOL) – PE, patricia.aguiar@hotmail.com;

⁴ Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas College University, neide-silva96@hotmail.com;

Destarte, pesquisas já estão sendo desenvolvidas com dedicação à temática em evidência e chegam a ressaltar pontos de como as avaliações externas podem impactar a prática pedagógica docente.

Nesse interim, Wiebusch (2011) enfatiza que por anos quando se remetia à avaliação, compreendíamos como sendo de total competência da escola, melhor dizendo, do professor em sala de aula. Hoje, a avaliação em larga escala ou externa se faz presente nos sistemas educacionais e nas unidades de ensino, e o principal é que, gestores e professores ainda não estavam habituados.

A escolha pelo tema dessa pesquisa atribui-se ao fato de ser algo atual e podermos vivenciar nas unidades escolares como em tão pouco tempo, houve um crescimento considerável no que diz respeito à preocupação com o controle de mecanismos e o “medir” dos resultados educacionais.

Frente a essa realidade nos inquietou para esse estudo: A partir do momento da instauração das Avaliações externas na Educação Básica, o professor tem livre arbítrio para desenvolver metodologias a seu modo na sala de aula?

No intento da busca pela resposta ao questionamento propomos uma análise por meio do estado da Arte sobre Avaliações Externas e confrontar com as respostas a um questionário aplicado a quatro professores de Língua Portuguesa- Anos Finais da Rede Pública Municipal de um Município do Agreste Setentrional de Pernambuco.

METODOLOGIA

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, tem como participantes três professores, sendo dois de Língua Portuguesa e um de Matemática atuantes nos Anos Finais de duas escolas da Rede Municipal de Ensino de um município do Agreste Setentrional de Pernambuco, os quais serão aqui apresentados de P1, P2 e P3.

Os preceitos que delimitaram a escolha dos integrantes foram: possuir mais de 8 anos na experiência do magistério, lecionar as disciplinas que constituem as avaliações externas (Língua Portuguesa e Matemática) no 9º Ano do Ensino Fundamental e fazer parte do quadro de funcionários desse município que se concentra no agreste Setentrional de Pernambuco.

Fizemos a aplicação de três questionários com cinco perguntas cada no intuito de verificar os impactos que as avaliações externas tem causado na prática pedagógica dos professores.

No que diz respeito ao método qualitativo instrumentalizado por meio do questionário, Marcondes et al (2017), afirma que, o método qualitativo consegue captar a coleta, o tratamento e a análise dos dados; com a aplicação de técnicas; e entre elas está a mais empregada que é a análise de conteúdo que se utiliza em função da necessidade da tomada de decisão, por meio de entrevistas individuais presenciais ou da dinâmica de grupos com profissionais envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa.

Diante do exposto, lançamos mão do método qualitativo por precisarmos de uma análise acurada nas respostas dos participantes em relação ao ponto de vista de cada um e também por nos subsidiar a um levantamento em percentual de dados relevantes ao grupo em estudo.

DESENVOLVIMENTO

A implementação das avaliações externas no Brasil inicia de maneira bem tímida nos anos 80 e se prorroga até os dias atuais. A diferença é que, hoje, após todo o procedimento que marcou a reforma da educação, especificamente nos últimos 30 anos, o Brasil está convicto de que a escola necessita passar por uma avaliação externa, ou em larga escala e deve assumir a culpa pelos resultados demonstrados.

Nessa direção, aos moldes do Estado-avaliador a ela são delegadas responsabilidades e concedida autonomia, e sobre ela são operados sistemas de avaliação externa cujos resultados são submetidos a uma base de metas de qualidade demarcadas pelo centro.

Essa é uma dinâmica que, sintonizada com o redimensionamento do papel do Estado, deriva da institucionalização de novos mecanismos de regulação de que são evidências maiores a lógica que orienta os sistemas nacionais de avaliação. (SCHNEIDER et al, 2018, p.119)

Isso implica dizer que, em palavras, os objetivos expostos para a aplicação das avaliações externas enfatizam a sua utilização como forma de subsídio aos sistemas de ensino, bem como as escolas no trato de se ofertar uma educação de qualidade após contactar em que se pode avançar e a partir da realidade, traçar metas. Porém, na concretização dessas ações o que está em evidência é a fiscalização desenvolvida pelo Estado, somado a vistoria e monitoração de uma qualidade expressa com base em números que servem como devolutiva a toda uma lógica criada para inspecionar a educação.

Nessa perspectiva, Sousa (2009), afirma que em uma face há o papel do Estado e, na outra, o conceito de educação pública, ao semear visão de qualidade, quando no interior dos sistemas públicos de ensino há diferenças.

A avaliação é o âmago das decisões e conseqüentemente das ações desenvolvidas pelas políticas públicas da educação, defendendo como propósito a condução das atividades desenvolvidas na própria instituição de ensino. Esse formato, esboça a imagem de um exercício atenuador do Estado para com as escolas, seja no papel de supervisionar ou ordenar mecanismos de financiamento.

Diante de toda essa discussão é plausível se repensar como fica o processo de ensino-aprendizagem nesse contexto. Será que não estamos regredindo ao tempo da Educação Bancária em que o aluno era apenas um “depósito” de informações e o professor, detentor de todo conhecimento?

A educação deve estar centrada nele (**no educando**), em vez de centrar-se no professor ou no ensino; o aluno deve ser senhor de sua própria aprendizagem. E a **aula** não é o momento em que se deve despejar conhecimentos no aluno, nem as **provas e exames** são os instrumentos que permitirão verificar se o conhecimento continua na cabeça do aluno e se este o guarda do jeito que o professor o ensinou. A educação deve ter uma visão do aluno como pessoa inteira, com sentimentos e emoções. (GADOTTI, 2019, p. 20) (Acréscimo e grifo das autoras)

Diante do exposto podemos afirmar que a forma como as avaliações externas vem interferindo no contexto escolar, abre margem para uma distorção na postura do professor e do aluno. Muito se discutiu sobre a função mediadora do educador e do aluno como protagonista de sua própria aprendizagem. Porém diante da realidade que enfrentamos e do que vem sendo imposto pelas avaliações em larga escala, essa prática se torna inviável.

Assim,

nessa perspectiva que as avaliações em larga escala interferem de modo direto no movimento produzido no interior da escola, lócus privilegiado para construção de potencialidades, por intermédio da produção de relações sociais e ações transformadoras, mediante conscientização dos direitos sociais e práticas educativas de caráter mediador, trazendo em seu interior os elementos de produção e/ou superação das contradições. (SANTOS et al, 2013, p. 45)

Nesse panorama, é imediato a condição dos órgãos responsáveis por tais avaliações e da própria Secretaria que rege o Estado ou município de se garantir uma educação de qualidade. Em função disso a instituição de ensino se sente no encargo de reconsiderar sua prática pedagógica por estar em todo o tempo sendo prensada à prática de atividades que respaldem com serventia e benefício o interesse dos alunos na exposição de bons resultados nas avaliações.

Essa nova forma de (re)pensar o ensino esbarra no currículo, já que é por meio dele que a ação docente se concretiza.

Falar de currículo escolar frente às avaliações externas é atribuir à escola inflexibilidade na deliberação de conteúdos que versam em torno da leitura e dos cálculos, dispensando assim:

- a) A leitura, a escrita e o cálculo de sua função social, de sua utilização no desenvolvimento da sociedade, transformam em objeto da aprendizagem o que seria um instrumento da aprendizagem, ou seja, ao insistir na abordagem mecânica destas atividades e com a utilização de exercícios maçantes, descolam estes conteúdos do seu sentido social: a comunicação de ideias e a organização das informações, por exemplo.
- b) A escola de sua função social. Ao definir externamente o conteúdo da escola (por meio da política de exames), impede-se a escola de pensar- -se, fazer-se, propor-se, enquanto um projeto coletivo da comunidade, das famílias e dos educadores que dela participam. A escola é ocupada por treinamentos para a prova, com exercícios que não apresentam a discussão de questões que possam ser consideradas interessantes pelos alunos ou relevantes para a comunidade. Não há espaço para a reflexão, mas para o exercício. As provas externas chegam prontas da Secretaria de Educação do município e, fora isto, os alunos são chamados aos simuladões que buscam preparar para a Prova Brasil e ao preenchimento dos cadernos de reforço escolar e do livro didático. O bom desempenho nas provas transforma-se em objetivo e fim da escola. (ESTEBAN e FETZNER, 2015, p. 86)

É bem verdade que as propostas curriculares dos municípios já se adequam aos descritores instituídos para as avaliações externas. Entretanto, há um demonstrativo dos resultados que conduzem a formação desse sistema pautado em exames no que concerne ao insucesso escolar, ainda assim, são considerados vagos para as políticas oficiais, principalmente quando se trata do rigor técnico.

Esteban e Fetzner (2015), ainda reiteram que na formulação das propostas curriculares

As propostas formuladas não parecem incorporar os resultados escolares insatisfatórios como expressão da exclusão das crianças das classes populares do direito à sistemática ampliação e complexificação de seus conhecimentos por meio do diálogo com os saberes veiculados pela escola. Simplifica-se o problema e, conseqüentemente, não se atua sobre as complexas relações implicadas na dinâmica fracasso/sucesso escolar. A redução da questão é de tal ordem que fraciona a perspectiva estritamente pedagógica, elegendo para as questões das provas os aspectos mais superficiais dentro do restrito campo das habilidades e competências escolares (ESTEBAN E FETZNER, 2015, p.87)

Diante da afirmação é pertinente repensar sobre o que está sendo abordado nas salas de aula, visto que a aprendizagem compreende um vasto campo. Recebemos estudantes dos mais diversos perfis e com percursos cognitivos distintos. Será que uma questão de múltipla escolha é competente ao máximo para processar dados acerca da aprendizagem?

O questionamento exposto será respondido com base nas respostas dos professores colaboradores desse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos quadros abaixo, destacamos as questões discursivas utilizadas como instrumento de coletas de dados que nos serviram para validação da análise.

Quadro 1 - Apresentação da questão 1 aplicada no questionário, e das respostas dadas pelos professores.

Pergunta	Resposta dos Professores
1- Na instituição em que você leciona, há interferência em sua práxis pedagógica por conta das Avaliações Externas?	P1- Não diretamente. Mas somos orientados pela equipe da coordenação a seguir nas avaliações internas os mesmos critérios das avaliações externas. E também a fazer atividades que seguem o mesmo estilo.
	P2- Sim. Existe uma interferência, uma vez que o resultado das avaliações externas interfere no planejamento das aulas, visando suprir as necessidades cognitivas dos alunos de acordo com as questões em que possuem mais dificuldades.
	P3- Sim. As atividades e projetos são desenvolvidos pautados nos moldes das avaliações externas, sempre procurando proporcionar uma proximidade entre o que é proposto e a didática do cotidiano escolar.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à análise das respostas dos professores é perceptível como as avaliações externas tem sua parcela de influência no interior da sala de aula. Os três concordam que esse impacto é real e que ora vincula-se ao planejamento que recai sobre um novo padrão que se é dado às avaliações internas e ora, se internaliza em projetos e modelos de atividades a serem desenvolvidas no cotidiano escolar.

Apoiando o que foi descrito, Philippsen (2018), enfatiza que, essa busca por resultados favoráveis nas avaliações externas causa certas modificações em gestores e professores. Os gestores por sua vez cobram por resultados satisfatórios, enquanto os professores que estão em sala, estão preocupados com o processo de ensino-aprendizagem.

É por esse parâmetro que constatamos que há uma certa “pressão” sobre a práxis pedagógica do professor o que o leva muitas vezes a não cumprir o que julga como melhor, por ter que retornar à escola com um bom resultado nas avaliações externas.

Quadro 2 - Apresentação da questão 2 aplicada no questionário, e das respostas dadas pelos professores.

Pergunta	Respostas dos Professores
2- A equipe gestora da Escola influencia em seu planejamento visando um bom resultado nas Avaliações Externas?	P1- Sim. Toda a equipe da escola trabalha com o objetivo de obter bons resultados, não somente nas avaliações externas, mas também em bom desempenho diário em sala de aula.
	P2- Influencia. Alguns pontos do planejamento são voltados para a melhora desses resultados.
	P3- Sim. Há um constante diálogo entre meu planejamento e as ações orientadas pela equipe gestora. Conversamos constantemente sobre aspectos que podem ser melhorados, como sugestões e orientações.

Fonte: Dados da pesquisa.

No tocante às avaliações externas e ao currículo é notório a flexibilização dele para atender aspectos associados aos testes. Nesse acordo fica evidente a não liberdade do professor no trabalho com o que a turma realmente necessita, por haver uma necessidade de adequação ao que as avaliações irão exigir como retorno mais à frente.

Assim, Frangella e Mendes (2018, p. 294), abordam que, “entender a avaliação como instrumento de análise curricular efetiva-se como uma prática urgente na medida em que os professores acabam por traduzir uma produção curricular tensionada em função do processo de avaliação.”

Dessa forma, destacamos o cumprimento de habilidades frente a um currículo, ou pior, a uma Matriz de Referência que objetiva o desenvolvimento de competências para uma boa colocação da unidade escolar nas avaliações externas, aprisionando o professor a todo um sistema educacional.

Quadro 3 - Apresentação da questão 3 aplicada no questionário, e das respostas dadas pelos professores.

Pergunta	Respostas dos Professores
3- Você começou a lecionar em que ano? Desde esse período, como as avaliações externas vem adentrando nas instituições de ensino?	P1- Comecei a lecionar em 2008. Desde então venho percebendo que as avaliações externas são vistas pela escola como algo importante, por isso, a cada ano vão sendo mais valorizadas.
	P2- No ano de 2010. Desde esse período, da minha perspectiva, estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar. Nosso sistema educacional é todo voltado para que se consiga alcançar um bom resultado nessas avaliações.

	P3- Leciono desde 2005. Percebo que desde então, há uma crescente preocupação com o aumento dos números relacionados aos resultados das avaliações externas.
--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos perceber nas falas dos professores a cada ano as avaliações externas vem se intensificando no interior de nossos educandários, os três professores ao fazerem uma análise desde o momento de seu ingresso no magistério até os dias atuais nos demonstram esse progresso com suas respostas.

O professor 3 enfatiza que, “nosso sistema educacional é **todo** voltado para que se consiga alcançar um bom resultado nas avaliações”.

Julgamos importante destacar o “**todo**” porque intrinsecamente, ele quis dizer que a escola de hoje se curva aos padrões das avaliações externas.

Corroborando com o exposto, Franco (2016) reitera que, a reflexão, o diálogo e as críticas antes presentes nas práticas educativas têm dado lugar a pacotes instrucionais prontos que visam preparar os estudantes para as avaliações externas.

Ao confrontar essa afirmação com as respostas dos professores à questão lançada podemos traçar um cenário cada vez mais competitivo em nossa educação, vindo em segundo plano a formação do ser humano para atuar em sociedade e a oferta de uma educação com equidade.

Quadro 4 - Apresentação da questão 4 aplicada no questionário, e das respostas dadas pelos professores

Pergunta	Resposta dos professores
4- E hoje, o que as avaliações externas tem significado para a Escola?	P1- As avaliações externas são uma forma de avaliar, não somente o desempenho do aluno, mas também do profissional responsável pela turma, ou seja, o professor. Além disso, elas podem indicar em que aspectos a escola, como um todo, deve melhorar, visando assim o melhor para os alunos.
	P2- Auxiliam numa análise das práticas docentes, possibilitam que haja um foco maior na construção de saberes visando o domínio das competências exigidas, olhando a turma no geral.
	P3- As avaliações vêm servindo como parâmetros para expressar a qualidade do ensino e aprendizagem escolar. Por meio delas, a escola tem a possibilidade de traçar

	estratégias para alcançar melhores resultados.
--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Como é perceptível, os professores destacam os pontos positivos das avaliações externas, mas a conceituam como norte para se alcançar um bom resultado. A veem como um meio de se traçar novas estratégias no que diz respeito a uma apuração eficaz dos índices.

Desse modo, Capocchi (2017), revela que, “o ensinar para o teste” tem concentrado a maior parte do tempo da aula em tópicos contemplados nas avaliações gerando uma consequente redução de carga horária das disciplinas não avaliadas.

Nessa perspectiva, a escola tem desviado, infelizmente, o foco de um todo e se restringido a testes padronizados em Língua Portuguesa e Matemática por serem as disciplinas que contemplam as avaliações externas.

Quadro 5 - Apresentação da questão 5 aplicada no questionário, e das respostas dadas pelos professores

Pergunta	Respostas dos professores
5- Você acredita que as avaliações externas expressam por si só a qualidade da educação? Por quê?	P1- Acredito que não. Pois nenhuma avaliação dá conta, sozinha, de expressar a qualidade do ensino. A educação é uma construção, e nem todo aluno aprende/ ou demonstra o seu conhecimento da mesma maneira. Portanto, não acredito que as avaliações externas expressem por si só a qualidade da educação. Elas podem sim, expressar uma noção, mas um resultado exato e incontestável, creio que não.
	P2- Não. Concordo que as avaliações externas geram resultados que acrescentam na prática docente, uma vez que seus requisitos norteiam a prática, como os descritores, por exemplo, mas elas sozinhas não expressam a qualidade da educação. Acredito que o que é passado na sala de aula e absolvido pelos alunos durante cada ciclo de ensino, não cabe em um único resultado.
	P3- As avaliações externas são importantes para um acompanhamento do desenvolvimento escolar, porém não acredito que expressa a qualidade da educação, pois não há como medir o que nossos alunos realmente sabem. Por vezes, o estudante tem um conhecimento que não é reconhecido ou valorizado por meio da

	forma como tais avaliações são organizadas. Além disso, sabemos que o conhecimento não está restrito apenas aos conteúdos ensinados/ aprendidos na escola. O aluno tem um conhecimento de mundo que o torna sábio e transcende o que a escola apresenta.
--	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Como demonstrado nas respostas dos professores fica claro que as avaliações externas, apenas elas, não são suficientes para mensurar a qualidade da educação. O conhecimento é obtido de diversas maneiras e os saberes são diferenciados, o professor 4, pontua em sua fala que “o aluno tem um conhecimento de mundo que transcende o que a escola representa”.

Lembrando do nosso saudoso Paulo Freire, Arroyo (2017), destaca que, Paulo não criava metodologias para educar os oprimidos, mas reeducava a sensibilidade pedagógica no intento de construir saberes, conhecimentos, valores e cultura”.

Assim sendo, é visível que estamos enclausurados às práticas impostas por um sistema de resultados que visam em primeiro plano, a amostra de números. Isso tornou o professor aprisionado a documentos a serem cumpridos e na obrigação de oferecer “bons frutos”, ou melhor, “o fruto mais apetitoso” para a instituição a qual leciona.

Essa ação deixa a parte o trabalho com o ser humano enquanto essência e construtor do seu próprio saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou desde o primeiro momento discorrer sobre os impactos que as avaliações externas causam no cotidiano do docente. Neste viés, esta análise demonstra que as instituições de ensino têm enclausurado os docentes por meio de práticas pedagógicas e currículos engessados no intuito de se obter uma boa classificação nas avaliações externas. Essa afirmação ganhou altivez nas respostas dadas pelos questionários aplicados aos professores.

Nosso trabalho demonstrou que as avaliações externas não são suficientes para “medir” o processo de ensino- aprendizagem e todos os percalços que surgirem no caminho. Como bem elucidado por um dos professores participantes: “as avaliações externas são importantes para um acompanhamento do desenvolvimento escolar, porém não acredito que expressa a qualidade da educação, pois não há como medir o que nossos alunos realmente sabem. Por vezes, o estudante tem um conhecimento que não é reconhecido ou valorizado por meio da

forma como tais avaliações são organizadas. Além disso, sabemos que o conhecimento não está restrito apenas aos conteúdos ensinados/ aprendidos na escola. O aluno tem um conhecimento de mundo que o torna sábio e transcende o que a escola apresenta”.

A busca incessante por esses resultados tem desenvolvido um certo processo de responsabilização nos professores e de certa forma na gestão escolar por também ter metas a cumprir. Uma ponderação sobre o embate que essas avaliações trazem seria o caminho para uma meditação no tocante a ambição por bons resultados.

Que as avaliações externas tem sua importância, os professores avaliados demonstraram aqui. Contudo sua forma padronizada tem servido para justificar “culpas” de um sistema como um todo, recaindo sobre quem está na ponta, professores e gestão.

O sistema de avaliação deve passar por uma reforma e evidenciar fatores como que vão desde o desempenho escolar à qualidade socioeconômica da comunidade escolar. Dessa forma os índices das avaliações externas deixarão de influenciar negativamente na prática pedagógica docente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CAPOCCHI, Eduardo Rodrigues. **Avaliações em larga escala e políticas de responsabilização na educação: evidências de implicações indesejadas no Brasil**. São Paulo, 2017.

ESTEBAN, Maria Teresa; FETZNER, Andréa Rosana. A redução da escola: a avaliação externa e o aprisionamento curricular. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n.1/2015, p.75-92

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>>. Acesso em: 13 agos. 2019.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres; MENDES, Juliana Camila Barbosa. “O que é o bom resultado?” Indagando o sentido da avaliação e suas articulações curriculares”. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.26, n. 99, p. 296-315, abr./jun. 2018.]

GADOTTI, Moacir. **Lições de Freire**: Três textos que se completam. Caderno do Instituto Paulo Freire. 2ª ed. São Paulo, IPF, 2019

MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro; MIGUEL, Lilian Aparecida Pasquini; FRANKLIN, Marcos Antonio; PEREZ, Gilberto. **Metodologia para trabalhos práticos e aplicados**. São Paulo: Editora Mackenzil, 2017.

PHILIPPSEN, Márcia Regina. **Avaliação Externa do Desempenho Escolar e Seus Impactos na Prática Pedagógica e na Gestão Escolar**: Estudo de Caso em uma Escola Pública de Porto Alegre (RS). Novo Hamburgo, 2018.

SANTOS, Anderson Oramísio; GIMENES, Olíria Mendes; MARIANO, Sangelita Miranda Franco. **Avaliações Externas e seus impactos nas práticas pedagógicas: percepções e visões preliminares**. VII Encontro de Pesquisa em Educação. 2013.

SCHNEIDER, Marilda Pasqual; NARDI, Elton Luiz; Durli, Zenilde. Políticas de avaliação e regulação da qualidade: repercussões na Educação Básica. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.16, n.1, p.109-138 jan./mar.2018

SOUSA, Sandra Zákia Lian. Avaliação e gestão da Educação Básica no Brasil: da competição aos incentivos. In: DOURADO, Luiz Fernando. **Políticas e gestão da educação no Brasil: Novos marcos regulatórios**. São Paulo, Xamã, 2009. p. 31-45.

WIEBUSCH, Eloisa Maria. **Avaliação externa: um caminho para a busca da Qualidade da Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação. Porto Alegre 2011.